

Alunos do superior procuram explicadores que façam os seus exames online

P publico.pt/2021/02/21/sociedade/noticia/alunos-superior-procuram-explicadores-facam-exames-online-1951426

Samuel Silva



Público

O assunto é conhecido pelos professores e criou um clima de desconfiança que levou a que as regras das avaliações tivessem sido apertadas. Até ao momento não há nenhum caso detectado pelas instituições de ensino superior.

“Vou ter frequência de microeconomia no sábado. Precisava de saber se estaria disponível para me ajudar durante a frequência”. A mensagem é directa e está longe de ser um caso único. Há estudantes do ensino superior a oferecer pagamento a explicadores para que lhes façam os exames *online*. O assunto é conhecido pelos professores e criou um clima de “desconfiança” que está a tornar a vida de alunos e docentes “num inferno”, diz um especialista.

O pedido de ajuda para o exame de microeconomia foi enviado, nas últimas semanas, ao explicador Filipe Antunes através de uma plataforma digital que põe em contacto estudantes e docentes. O professor declinou a proposta com pedagogia: “Terei todo o gosto em ajudar a preparar a frequência, mas não a fazê-la.” Não é a primeira vez que o faz. “Nem todos os contactos são completamente explícitos, mas quando eu respondo que estou disponível para ajudar a preparar o teste, eles não dão seguimento”, conta ao PÚBLICO.

Tem recebido mensagens como esta desde o Verão passado. Por mensagem escrita ou *e-mail* chegaram, pelo menos, uma dezena, a que se juntam vários contactos por chamada telefónica. O pedido é sempre semelhante. Os primeiros alunos que contactaram Filipe

Antunes pediam ajuda para a temporada de exames do final do ano lectivo anterior que, por causa da pandemia, foi feito maioritariamente à distância. O novo confinamento levou a que muitas instituições de ensino superior tenham transferido as avaliações do primeiro semestre, que já estavam marcadas, novamente para o formato *online*. Com o regresso dos exames à distância, voltaram também os pedidos de alunos que pretendem ajuda do explicador durante as frequências, o que levou Filipe Antunes a contar a sua história.

“Sinto que isto é um problema importante no nosso ensino superior. Principalmente naquelas cadeiras iniciais, comuns a vários ramos, e onde há muitos alunos. Pelo que me parece, deve ser muito fácil optar por este tipo de situação”, afirma Antunes. “O mais triste”, prossegue o explicador, “é o descaramento total de muitos, o que sugere que esta é uma prática habitual e muito generalizada”.

Face ao aumento de solicitações como as que chegaram a Filipe Antunes em plataformas como a Explicas-me, na qual está inscrito, ou Superprof, há explicadores que incluem até uma referência explícita no seu perfil. “Não resolvo exames de faculdade na hora dos mesmos”, escreveu um estudante de mestrado, que apoia colegas de licenciatura em cadeiras relacionadas com a Matemática e a Física.

A Superprof comporta-se como outras plataformas digitais que ganharam força nos últimos anos: serve para o contacto entre cliente e fornecedor, mas diz não ter intervenção no negócio entre as partes. “Nunca, de forma alguma, somos responsáveis pelas combinações realizadas entre os professores e alunos”, justifica Ricardo Amaro, gestor nacional do serviço – que está presente em 28 países. No entanto, o *site* possibilita quer aos professores e alunos reportarem alguma situação abusiva que tenha ocorrido. A Superprof não revela, porém, quantos foram.

Na Explicas-me, os contactos abusivos também podem ser reportados e, se forem considerados “fora do âmbito”, são retirados da conta corrente do explicador. A empresa, que nasceu em 2014 num evento de empreendedorismo da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, não respondeu às várias tentativas de contacto do PÚBLICO.

"Um inferno"

Casos como este chegaram ao conhecimento da Federação Académica do Porto. São, no entanto, “pontuais”, garante a líder daquela estrutura estudantil, Ana Gabriela Cabilhas: “Seria injusto dizer que é uma prática generalizada”. “No semestre passado verificaram-se casos de plágios nos exames”, confirma a presidente da Federação Académica de Lisboa, Sofia Escária, o que terá contribuído para que muitas instituições de ensino superior tenham sido reticentes à transição para a avaliação à distância, quando o Governo decidiu voltar a suspender as actividades lectivas presenciais. Algumas universidades preferiram adiar para o Verão exames marcados para este mês.

O recurso a explicadores pagos por estudantes para fazer exames à distância é um assunto conhecido entre os professores. Alguns até receberam nos seus *e-mails* propostas semelhantes, para resolverem provas em áreas em que são especialistas. Até ao momento,

não há, porém, relatos de nenhum caso como este detectado ou investigado pelas instituições de ensino superior.

O Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior garante estar a acompanhar em contacto com as universidades e politécnicos para “articular as opções adequadas para realizar as avaliações previstas, de forma justa e imparcial”. Além disso, “os habituais mecanismos de combate à fraude estão operacionais, sendo dada especial ênfase aos instrumentos de controlo previstos para as avaliações realizadas de forma não presencial”, recorda a tutela. Por isso, sempre que sejam detectados procedimentos irregulares, professores e universidades têm meios para actuar.

As desconfianças em torno da avaliação à distância são responsáveis por um “ambiente muito pesado” que se vive no ensino superior, avalia Paulo Peixoto, investigador da Universidade de Coimbra, que faz parte do Instituto Internacional para a Pesquisa e a Acção sobre Fraude Académica e Plágio. “Há professores verdadeiramente paranóicos com esta situação”.

Os docentes “querem saber quem está de facto do outro lado do computador: se serão os alunos, um irmão, um colega ou até uma pessoa contratada”, prossegue Peixoto. O clima está a contribuir para tornar as avaliações *online* “num verdadeiro inferno” para os professores e também para os alunos, diz. O receio da fraude, levou muitos docentes a apertar regras para a realização dos exames à distância e também a fazer exames mais difíceis, o que pode ter impactos nas notas dos alunos.

Ao contrário do que aconteceu com as aulas remotas – “os professores evoluíram bastante”, defende Paulo Peixoto – no que toca às avaliações “a situação degradou-se do primeiro para o segundo confinamento”, entende o investigador da Universidade de Coimbra. A situação está “bastante pior do que ano passado”, concorda Sofia Escária.

Além disso, nas orientações enviadas, no mês passado, pelo ministério às instituições, a tutela sugeria que as aulas e as avaliações migrassem para um regime remoto, face à suspensão geral das actividades presenciais, mas dava autonomia às instituições para fazerem exames presenciais sempre que uma solução *online* fosse vista como inviável. Muitas instituições acabaram por alargar essa autonomia a cada uma das suas faculdades ou, em alguns casos, a decisão ficou mesmo a cargo de cada um dos docentes. Isto criou “uma grande panóplia de situações diferentes” na forma como estão a ser feitas as avaliações, mesmo dentro do mesmo curso ou faculdade, segundo Ana Gabriela Cabilhas, presidente da Federação Académica do Porto, o que acabou por criar ainda mais confusão entre os alunos.